

---

**FÓRUM SOCIAL MUNDIAL:  
O SUL, O NORTE DE NOSSOS POVOS**  
*DO GINÁSIO GIGANTINHO EM PORTO ALEGRE, BRASIL*  
*DOMINGO 30 DE JANEIRO DE 2005*

Que alegria, que juventude, que emoção se sente aqui no Gigantinho! Um abraço de minha alma para todas e todos, um abraço profundo de meu coração, para todos os homens, mulheres e jovens do Brasil, da América Latina, do Caribe, da América do Norte, da Ásia, da África, da Europa.

Aqui, ouvindo o clamor de todos nós aqui reunidos, sonhando e lutando por um mundo melhor, possível e necessário, peço que enviemos uma saudação estrondosa a todos os povos da terra, aos povos que lutam, aos povos que sonham como nós e conosco. Ignacio Ramonet, meu grande e bom amigo, vocês estão me entendendo? Tentarei falar mais devagar para que todos possam entender minhas palavras, infelizmente ainda não aprendi o *portunhol*, muito menos o *inglês*.

Claro que falando mais devagar meu discurso será mais longo, mas não, não tomarei muito do seu tempo, já são 8:15 da noite aqui nesta terra bela e mágica do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre, do Brasil. Estamos transmitindo ao vivo diretamente para a Venezuela e também para a América Central e a América do Sul. Eu lhes garanto e aposto qualquer coisa que **um cara chamado Fidel Castro está nos assistindo lá em Cuba. Tenho certeza disso. Olá, Fidel, como vão as coisas, como está você? Lá estão as câmeras. Bom, tenho certeza porque ele ligou para mim, desde as três da tarde me aborrece com a mesma pergunta: "A que horas você vai falar?". E lhe respondi "Já, já, espere que aqui temos um programa"**

Assim, saudações a todos. Como é bonita esta terra! Esta manhã fizemos um passeio, primeiro vimos o amanhecer sobre o imenso território brasileiro. Viva o Brasil!

Saímos de Caracas por volta de meia-noite para aterrissar aqui perto das 7:00 da manhã. No horizonte o Sol, um sol brilhante e um céu azul em Porto Alegre e depois fomos até o assentamento do "Movimento dos Sem Terra" em Tapes. Uma hora e meia de estrada, atravessando o cerrado, o vale, vendo os campos e as pessoas. Estivemos com os líderes do Movimento e daquelas comunidades de agricultura familiar, até o meio-dia. Com eles partilhamos aquele berço de pátria; como a gene aprende por esses caminhos!, como se fortalece por esta imensidão!. Depois voltamos para o almoço, que foi um debate muito interessante com um grupo de intelectuais, pensadores do Brasil, da América e do mundo, dialogando, interagindo, e com os dirigentes do Fórum Social Mundial de Porto Alegre e em seguida uma coletiva, um tanto ruidosa, com a imprensa. João Pedro me disse, no corredor lá no hotel, que andar comigo, porque foi uma confusão e alguém acabou caindo. Como foi que você disse, João? Que era mais complicado que invadir terras. Vejam vocês o que me disse, que andar comigo é mais complicado que invadir terras.

E aqui estamos então, no Gigantinho, o famoso Gigantinho, o Gigantinho de verdade e vocês que são os "gigantinhos" daqui, desta terra, os povos, os povos e sobretudo

os jovens. Uma saudação aos jovens, que levantem a mão os jovens. Viva a juventude!

Ernesto Guevara, o “Che”, dizia: “O presente é de luta, o futuro nos pertence”. O futuro lhes pertence, moços e moças, vamos por ele, o futuro é de vocês e, falando no futuro, agradeço aos organizadores: Cândido, João, a todos, este gesto tão bonito, vejam vocês quem me trouxe pela mão, uma camponesa brasileira, trabalhadora do campo, do “Movimento dos Sem Terra”, já no final de sua gravidez, com uma barriga de sete meses que lhe cai muito bem. Ela se chama Sônia, obrigado, Sônia, obrigado por esse gesto, porque além de tudo ela leva em seu ventre o futuro desta terra, o futuro deste sonho, esses filhos, essa semente que está brotando e também esse poema que toca a alma, declamado por outra líder trabalhadora, Ana Manuela que nos trouxe, que nos convidou a conspirar. Conspiremos então, façamos uma conspiração, eu me uno a Ana Manuela para que façamos uma conspiração mundial, uma verdadeira conspiração, anti-imperialista, antineoliberal, anti-hegemônica.

Assim, Ignacio Ramonet, meu bom amigo como já disse, me honrou e também me comprometeu com tudo o que ele disse, mas ele dizia por que Hugo Chávez... É um dirigente de um novo tipo, disse ele de novo tipo, aceito isso Ignacio e ainda mais quando vindo de uma mente tão lúcida quanto a sua. Claro, estava pensando de todas as maneiras que sou um dirigente de um novo tipo, Ignacio Ramonet, mas inspirado em alguns velhos tipos, alguns muito velhos, como por exemplo, Jesus Cristo, esse é um velho tipo.

Um velho tipo, tão velho que já tem vinte séculos. Cristo, um dos maiores lutadores anti-imperialistas da história do mundo, o verdadeiro Cristo, o Redentor dos pobres. Um dos maiores revolucionários da história do mundo, Jesus de Nazaré. A gente se inspira nesse velho tipo, e também em outros, não tão velhos como Cristo, mas tipos velhos também, como aquele de quem falava Ana Manuela em seu lindo poema. Onde está Ana Manuela? Anda por aí com sua fibra, sua força, seu amor. Por isso que se está comprometido, que mais se pode fazer? Ana Manuela, você “e como uma filha, uma filha minha que está aqui, a Rosa Virginia, e como aquele neto que ficou dormindo, Manuelito que ficou dormindo no hotel. Não agüentou, tem apenas um aninho, ficou dormindo, já eu sou bisavô. São os filhos com essa paixão, como esse verbo, com essa poesia, você falava de um velho tipo, Simon Bolívar, um tipo que percorreu estas terras.

Um povo cheio de ilusões, um povo que o acompanhou e que o fez Libertador e ele fez desse povo um povo libertador, se fizeram um ao outro libertadores, nisso também nos inspiramos, Ignacio, e em outro velho tipo nascido por aqui, um grande revolucionário a quem sempre rendo tributo, um grande companheiro de Bolívar. José Ignacio Abreu de Lima.

Brasileiro distinto, pernambucano, socialista, revolucionário, bolivariano.

Também nos inspiramos em outros tipos, velhos tipos, como aquele médico argentino, asmático.

Aquele rapaz percorreu o continente de bicicleta e de moto e chegou finalmente à América Central, onde presenciou a invasão da Guatemala pelos gringos em 1955,

uma de tantas invasões, de tantos ataques produzidos pelo imperialismo norte-americano neste continente.

Estava certo aquele presidente mexicano que, segundo parece, tomou duas doses de tequilas, tirou o revólver e, dando três tiros para o alto, disse: “Pobre México, tão longe de Deus e tão perto dos Estados Unidos.”

E aquele tipo, aquele velho tipo que foi até Sierra Maestra, foi embora e voltou e caiu na terra para sempre e, como diz a canção, cantada por um cantor venezuelano: “Comandante Che te mataram / mas em nós deixaram / para sempre a tua memória gravada em moldes de glória. / Caminhando entre vales e montanhas, para sempre, tua imagem guerrilheira / e teu sangue já corre em nossas veias / e se agita nos povos latino-americanos.”

Nesse tal de Che Guevara andamos inspirados, andamos inspirados em velhos tipos, bons velhos tipos, alguns deles civis, outros soldados, o “Che” foi civil-militar, velhos tipos militares como meu general Omar Torrijos, aquele nacionalista, Presidente do Panamá revolucionário, meu general Juan Velasco Alvarado, aquele Presidente do Peru, líder do Plano Inca e da revolução nacional peruana. Inspirados em velhos tipos como Luís Carlos Prestes, o cavaleiro da esperança. Viva Prestes!

Inspirado também em velhas mulheres, como aquela a quem Bolívar amou infinitamente e a quem chegou a chamar “a Libertadora do Libertador”. Era linda e lindamente revolucionária, minha coronel Manuela Sáenz, a Libertadora do Libertador, combatente na Batalha de Ayacucho há 180 anos, no morro de Condorcunca, no “rincón de los muertos” (território dos mortos). Manuela chegou até ali por seu amor à pátria, à revolução e a Bolívar. Manuela era tão patriota, amou tanto Bolívar, que, sendo casada, deixou seu marido e a ele escreveu uma carta: Despeço-me de ti, querido, vou-me com este homem, este é um furacão.”

E foi embora, foi para a guerra, pois era uma revolucionária, era uma revolucionária, mas mandava cartas a Bolívar, as mulheres têm umas coisas, não é? Vivam as mulheres!

Um beijo para todas, há uma frase inglesa que diz: “Se tua mulher pede que você se atire pela janela, mude-se para o andar térreo.” As mulheres têm umas coisas, Manuela escrevia a Bolívar e sabem o que pedia nas cartas? Porque ele lhe escrevia em uma folha com letras grandonas, com certeza apressadamente, entre uma batalha e outra, e ela lhe escrevia reclamando que tinha que escrever com letras pequeninas, que não aceitaria mais cartas com letras grandonas, até que Bolívar acabou escrevendo em letras pequenas.

Essa mulher também tem servido de inspiração, assim como outras e também assim como muitos homens, que morreram e outros que não. Há um homem que tem servido de inspiração por muitos anos, um barbuco. Há pouco tempo, acreditando ter vinte anos, se atirou de cabeça e fraturou o joelho em oito pedaços, mas já agora anda como antes, me disse que está até melhor, também serve de inspiração a muitos esse homem, que se chama Fidel Castro.

Nesses velhos homens, em Abreu de Lima, em Artigas, em San Martín, em O’Higgins, em Emiliano Zapata, em Pancho Villa, em Augusto César Sandino, em Morazán. Em todos eles temos nos inspirado, nesses velhos tipos de homens que

soberam assumir um compromisso e agora, agora eu daqui os entendo, os entendo porque assumimos esse compromisso, todos eles: Túpac Amaru, Guicaipuro, todos, todos esses velhos tipos.

Agora esses velhos homens voltaram por aí, um desses velhos tipos de homens, quando estava morrendo, o estavam assassinando, o estavam fazendo em pedaços. O imperialismo sempre foi bestial, não há imperialismo bom ou mau, todo o imperialismo é uma aberração, é bestial, é perverso.

Não importa como se vistam ou como falem, pois o índio era mantido amarrado, um cavalo o puxava de um lado e outro cavalo de outro, até que se desprenderam os braços e as pernas e, quando sentiu que estava para morrer, não agüentou e gritou: “Hoje morro – disse aos imperialistas que o matavam – Hoje morro, mas algum dia voltarei em milhões.” E voltou Atahualpa feito milhões, voltou Túpac Amaru feito milhões, voltou Bolívar feito milhões, voltaram Sucre e Zapata feitos milhões.

E aqui estamos nós, eles voltaram em nós. Bem, agora, neste *Gigantinho* repleto, quero dizer... Primeiro queria agradecer o convite que me fizeram e segundo quero também dizer porque estou aqui. Estou aqui porque, como disse há dois anos aqui mesmo em Porto Alegre, na terceira edição do Fórum Social Mundial, este Fórum Social Mundial é o evento político de maior importância entre os que ocorrem no mundo todos os anos, não há outro desta magnitude.

Estou aqui porque, junto com meus companheiros e camaradas da delegação venezuelana que me acompanha, viemos aprender e apreender, a encharcarmo-nos de mais paixão, de mais amor, de mais conhecimento. Andamos na busca porque o que estamos fazendo modestamente na Venezuela não é nada a não ser um ensaio e, como todo ensaio, requer sempre vigilância ou, como dizem, monitoramento, para ver como se comporta o ensaio, como quando fazemos experimentos com um tubo de ensaio num laboratório. É um ensaio, um experimento e aberto a todas as experiências maravilhosas que ocorrem no mundo, que cenário melhor que este, estou aqui porque este Fórum Social Mundial de Porto Alegre, nestes cinco anos, nestas cinco edições, tornou-se uma plataforma sólida para debate, para discussões, uma plataforma sólida, ampla, variada e rica, onde a maioria dos excluídos, dos que não têm voz lá nos espaços do poder, vêm aqui para expressar sua voz de protesto, vêm aqui para cantar, vêm aqui para dizer quem são, o que querem, vêm dizer seus poemas, suas músicas, sua esperança, vem buscar consenso. Estou aqui por essas coisas e por muitas outras, estou aqui também para agradecer, em nome do povo venezuelano, a solidariedade, todos os gestos de apoio, de solidariedade, vindos daqui e de muitos outros lugares, que chegaram até a Venezuela, a Venezuela atacada pelo imperialismo nos últimos anos, a Venezuela de Bolívar, assim muito obrigado por isso, estou aqui agradecendo em nome de nosso povo.

E por outro lado, companheiros, companheiras, como é que estou aqui?

Acreditem que eu aqui, para nada me sinto Presidente, não estou aqui como Presidente, ser Presidente é apenas uma circunstância, não sou Presidente, sou Hugo, não sou Presidente. Eu, circunstancialmente, estou cumprindo meu papel como qualquer papel em um time: o arqueiro, o ponteiro, o *pitcher*,

o *catcher* ou o soldado que está na frente da batalha ou aquele que está na retaguarda, ou o trabalhador que ara a terra, ou aquele que a aduba, ou aquele que faz a colheita. Enfim! Ocupo um *rol*, mas sou um camponês, sou um soldado, sou um homem comprometido com este projeto alternativo de um mundo melhor e possível, necessário para salvar a terra.

Nesta condição venho a Porto Alegre, mais um militante, militante da causa revolucionária, porque nisso tem razão Ignacio Ramonet, sou um revolucionário e a cada dia sou ainda mais revolucionário, porque a cada dia me convenço mais de que o único caminho pelo qual podemos romper a hegemonia capitalista, pelo qual podemos romper a hegemonia das oligarquias destas terras, é o caminho da revolução, não há outro caminho.

Agora vejam, os processos, cada qual tem seu ritmo. Ontem estivemos atarefados em Caracas, recebendo uma visita importantíssima do Vice-Presidente da República Popular da China e sua distinta delegação e assinamos ontem 19 convênios. Eu dizia que as relações entre a Revolução bolivariana e a Revolução da China já estão projetadas desde o subsolo até a estratosfera e com certeza, porque assinamos convênios e já estamos prospectando em busca de petróleo e gás na Venezuela e assinamos também um convênio para a construção, na China, de um satélite que será lançado de lá, mas que será um satélite venezuelano, a Venezuela terá finalmente seu satélite, assim que vão desde o subsolo até a estratosfera. Vejam, então, peço-lhes a máxima atenção nisto que quero dizer, e a bom entendedor, poucas palavras bastam: o Vice-Presidente da China me trouxe um presente, eu sou maoísta desde menino, desde que entrei para a Academia Militar e comecei a ler Mao Tse Tung, os escritos militares, os escritos filosóficos, as teses políticas, o livro *vermelho*.

Comecei a ler textos do “Ché” o livro *Verde Oliva*, Bolívar, seus discursos e cartas. Enfim, tornei-me maoísta, bolivariano, uma mescla de tudo isso e foi assim que o Vice-Presidente me trouxe a coleção completa dos escritos de Mao Tse Tung, o grande timoneiro. Vim no avião lendo o primeiro volume, relendo tudo o que li há anos e no primeiro volume, no primeiro capítulo, Mao Tse Tung se depara com o tema que é vital para toda revolução e para todo revolucionário. “É imprescindível – disse – saber exatamente quem são seus amigos e seus inimigos.”

E logo adiciona mais detalhes, diz que todas as revoluções da história da China – fala da China, certo? – que fracassaram, fracassaram, entre outras coisas fundamentais, por causa dos revolucionários, às vezes perturbados pelas paixões do momento, da vida diária, das contradições que andam por todos os lados, livres, soltas, e além do mais, há sempre aqueles que as tratam de acirrar, gente de dentro e de fora.

Assim, em muitas ocasiões perdemos de vista quem são os amigos verdadeiros e quem são os inimigos autênticos.

Estou convencido de que apenas pelo caminho da revolução poderemos sair do atoleiro histórico em que estamos há séculos, 500 anos, 200 anos e, quando venho até o Rio Grande do Sul, o rio grande do Sul, pode-se dizer também, por extensão, as terras grandes do Sul, os vales grandes do Sul, os mares grandes do Sul, os sonhos grandes do Sul.

E sobretudo: os povos grandes do Sul. Viva os povos grandes do Sul!

*El Sur, el Sur, el Sur*, o Sul. Já estou aprendendo um pouquinho de *portunhol*, aprendi também algo em chinês, aprender chinês é um pouco mais difícil que aprender *portunhol*, aprendi duas palavras em chinês. *Nijao, nijao*. Sabem o que significa? *Nijao* é “olá, como vai?”, e depois *tsie, tsie*, que quer dizer “obrigado”, essas duas aprendi, fiz algum progresso, em quatro anos que tenho ido à China aprendi essas duas palavras. Bom, o Sul, como diz Benedetti, o Sul também existe.

O Sul também existe. Agora, com todo meu respeito a vocês, os do Norte. Ignacio é do Norte, aqui há muita gente do Norte da América, também há revolucionários no Norte da América, é claro, e muitos revolucionários no Norte, na Europa.

Na América do Norte, mas creio realmente, eu posso estar enganado, já admito, mas creio que onde há mais consciência no mundo acerca da necessidade de mudanças urgentes, rápidas e profundas é no Sul do mundo.

Pode-se caminhar pelas ruas do Norte, no verão, sob o sol brilhante, pelas ruas das cidades do Norte na primavera, com as flores e a brisa fresca, ou como fomos agora, em pleno inverno, a Pequim, bom Pequim fica lá no Leste. Madri, Moscou, branca como a neve e víamos imagens de Nova York há alguns dias, sob uma nevasca.

Em qualquer época do ano, apesar dos movimentos (...) mundiais e este Fórum o têm ajudado muito, têm ajudado a despertar novamente o mundo do Norte. Ainda assim, onde encontramos maior consciência, maior força descontrolada é no Sul e acredito que seja óbvio que seja assim, o Sul agüenta há séculos os ataques do Norte, os ataques, não dos povos do Norte, mas dos impérios do Norte, não tivemos impérios no Sul. Aqui no Brasil houve um império, mas esse foi um ensaio de império, um império que depois foi convertido em República e está aqui esta grande República Federativa irmã, querida, fraterna, profunda, mas os impérios, não o do Brasil, mais além de algumas guerras por aqui, por lá, o Brasil nunca teve expedições, mais além do Atlântico, até a África, a invadir povoados, a escravizar povos. Poderíamos dizer que o Brasil foi um império benigno, aí eu estaria de acordo com a tese do império benigno, tão benigno que Simon Bolívar o aceitou, aceitou ao fim abrir relações com o império do Brasil e quando, em 1830, recebeu o primeiro embaixador em Bogotá, lançou a frase: “O império do Brasil é a maior garantia de que a Providência enviou a nós, sul-americanos, para garantir a continuidade de nossas jovens repúblicas.”

Mas eu estava dizendo que o Sul... Estar aqui, no Sul, me permite lembrar, companheiros e companheiras, que este ano, agora em abril, completam-se 50 anos de um evento muito importante acontecido na Indonésia, em 1955, a Cúpula de Bandung, da qual nasceu o “Movimento dos Não-Alinhados” e é bom lembrá-lo, porque foi há pouco tempo, há apenas meio século. Faz 200 anos que Simón Bolívar convocou a Cúpula do Panamá, em 1826, no próximo ano comemoraremos os 180 anos do Congresso Anfictiónico do Panamá, que foi varrido pelo império norte-americano.

Simón Bolívar, foi, se não o primeiro, um dos primeiros anti-imperialistas desta terra, Simon Bolívar chegou a prever a ameaça imperialista da América do Norte. Simon Bolívar chegou a dizer, a escrever aquela frase a um bom amigo, escreveu para ele em 1828 uma carta na qual dizia, como em profecia: “Os Estados Unidos da América

parecem destinados pela Providência a trazer a miséria à América, em nome da liberdade.” O que disse Simón Bolívar foi escrito de seu próprio punho em 1828.

Mas a Cúpula da Indonésia em 1955, a Cúpula convocada por Tito, Nehru e por Sukarno, foi uma cúpula para convocar à união dos países e povos da Ásia e da África sobretudo, e dali surgiu o grupo dos Não-Alinhados, dali surgiu a consciência do Sul, dali surgiu a comissão do Sul, dirigida por aquele grande líder africano que foi Julius Nyerere.

Isso foi há pouco tempo, Nyerere morreu há pouco, aos 90 anos e foi designada a Comissão do Sul e começaram a surgir propostas, mas logo veio a queda da União Soviética, a queda do muro de Berlim e, como diz Joseph Stiglitz, vieram logo em seguida os felizes anos 90, os anos em que todos fomos felizes, o fim da história, o último homem, a era tecnocrônica e então a consciência do Sul foi congelada, caiu esta na profundidade das geleiras da Antártida e nos vimos em meio a uma avalanche formada pela proposta do Consenso de Washington, o neocolonialismo vestido de tese, ilusória para alguns, o neoliberalismo e todas as políticas do Fundo Monetário Internacional, as quais injetaram uma sobredose especialmente para os países da América Latina.

Hoje, é oportuno dizer aqui do Rio Grande do Sul, do Fórum Social Mundial, não há lugar mais apropriado para dizê-lo, para salvar o mundo precisamos de muitas coisas, uma das mais essenciais é a consciência do Sul, revitalizar essa consciência do Sul, de que o Sul também existe. E digo mais: companheiros, é possível que no Norte alguns não se dêem conta, mas o futuro do Norte depende do Sul.

Porque se nós não fazemos o que temos que fazer, se não fazemos, de verdade, o possível, esse outro mundo melhor e se o mundo, a dizer, se fracassássemos, quero dizer caso fracassássemos e se colocássemos o mundo definitivamente atrás das baionetas dos *marines* americanos, atrás das bombas assassinas de Mr. Bush, se não houvesse força, consciência e organização e força necessário no Sul para resistir aos embates do neo-imperialismo e a doutrina de Bush fosse imposta ao mundo, pois o mundo iria direto à destruição, em quantos anos não sei, há alguns informes científicos que dizem que ao ritmo que vamos, se o planeta continua se aquecendo, por exemplo, ao ritmo que se vem aquecendo, em 100 anos a temperatura do planeta terá produzido um grande degelo nos pólos, nas calotas polares e o terrível *tsunami* que castigou a costa da Ásia há uma semana e que causou a morte de mais de 200 mil pessoas pareceria pequeno se comparado com as ondas gigantes que arrasariam povos inteiros e fariam com que países inteiros ficassem submersos. Se a camada de ozônio continua a ser danificada, com o aparecimento de mais e mais buracos, e o sol continua batendo, inclemente, a crosta terrestre, os incêndios, as temperaturas e o (...) universal, acabariam com boa parte da vida no planeta. E isso para enfocar apenas o ponto de vista, digamos, geográfico, físico e natural, mas não se trata só disso, talvez muito antes que o degelo ocorra, o planeta se veria incendiado por rebeliões violentas, porque os povos não se calarão conformados diante da imposição de um modelo como o neoliberalismo, como o colonialismo. Bem, disse um líder indígena em algum país deste continente há alguns anos, depois de uma revolta aborígine, quando os índios pegaram em armas e foram às montanhas e um jornalista

---

perguntou a um índio: “E você, por que fez isso, o que o levou a pegar em armas?” E o índio lhe respondeu: “Porque prefiro morrer lutando que morrer de fome.”

É assim que ando propondo esta idéia nas Cúpulas de Presidentes. Em Caracas, há um ano tivemos a Cúpula do Grupo dos 15, temos Cúpulas por todos os lados. Em uma ocasião disse que nós, presidentes, andamos de Cúpula em Cúpula enquanto os povos andam de abismo em abismo.

Há um ano começamos a lançar a idéia, a necessidade de retomar a consciência do Sul, os espaços do Sul e as propostas do Sul. A esse respeito eu também poderia dizer-lhes, companheiros, que continuando com esta metodologia inaugurada por Ignacio Ramonet, de fazermos perguntas e respondê-las, eu também poderia perguntar-me, diante de vocês: a que vim, a que vim? Perguntava-me ontem em Caracas e no avião, à noite e esta manhã. Qual deveria ser meu principal objetivo? Pois vim por muitas razões, mas essencialmente, a que vim? E claro que não sairei daqui sem dizê-lo, porque isso está muito claro para mim, é produto do que ocorre na Venezuela e por aí poderia começar, dizendo que vim, fundamentalmente, por um lado para expressar em breves palavras o que vem acontecendo na Venezuela, sobretudo desde minha última visita a Porto Alegre, em janeiro de 2003, quando ainda estávamos em plena batalha com as forças imperialistas que arremeteram contra a Venezuela, contra nosso povo. Quando ainda estava paralisada, em janeiro, a empresa petrolífera venezuelana, sabotaram nossas refinarias, nossos navios, poços petrolíferos, sistemas elétricos, sistemas informatizados, e se pretendia fazer com que o povo venezuelano se rendesse por fome, se pretendia implodir o país para que o governo saísse e o Presidente renunciasse, bem, depois do golpe militar, depois do terrorismo, depois da agressão imperialista, depois da agressão econômica petrolífera, a fuga de capitais. Recordo-me de que, quando vim a Porto Alegre em janeiro de 2003, estávamos tomando a decisão em relação ao Controle do Câmbio, havíamos tomado a decisão na noite anterior, antes de vir, havíamos suspendido a venda de dólares por duas semanas para estabelecer, nessas duas semanas, um sistema rígido de Controle de Câmbio, o qual foi instalado dois anos depois, continua instalado e nada indica que será desmantelado na Venezuela. Seguiremos com o Controle de Câmbio sobre a moeda venezuelana para proteger o país da especulação financeira, os capitais de especulação que já derrubaram mais de um país.

Bem, como resultado do Controle de Câmbio, as reservas internacionais já bateram recorde e estamos perto dos 25 mil, perto dos 25 mil dólares. Agora, naquela ocasião estávamos ainda em plena batalha, nada indicava que íamos ganhar a batalha, mas tínhamos muita fé no que iríamos alcançar, muita fé, pela resposta do povo, a resposta das Forças Armadas, a resposta dos trabalhadores que carregaram a empresa petrolífera nos ombros e permitiram que ela fosse recuperada, e o povo foi tomar as refinarias, os campos petrolíferos, os transportes de gasolina e a movê-los, o próprio povo junto com os soldados, mostrando à oligarquia venezuelana que o povo não se rende, que o povo venezuelano não se renderá jamais.

Pois bem, muitas coisas aconteceram neste dois anos, muitas coisas que me permitem dizer, refletir com vocês sobre a verdade daquela expressão de Leon Troski, quando disse que a toda revolução lhe faz falta o açoite da contra-revolução e com certeza, a

---

contra-revolução nos atingiu a chicotadas, os ianques nos atingiram a chicotadas: sabotagem econômica, sabotagem da mídia, sabotagem social, terrorismo, bombas, violência, sangue e morte, golpe de Estado, manipulação das instituições, pressão internacional. Pretendia-se fazer da Venezuela um país tutelado, naquele ano de 2003, através da Organização dos Estados Americanos, pretendia-se instalar um pró-cônsul na Venezuela, que todos os dias fazia notícia, na intenção de instaurar um supra-poder ou um poder supra-nacional sobre nossas leis, sobre nossas instituições, sobre nossa Constituição. A tudo isso nós resistimos e essa arremetida contra-revolucionária nos permitiu, primeiro, passar à defensiva para resistir à agressão. Resistir, resistir, resistir até que pudemos passar à contra-ofensiva, passar ao contra-ataque e foi assim que em 2003 nós, pela primeira vez, pudemos dizer que a Venezuela em 2003 recuperou sua empresa petrolífera, que sempre esteve nas mãos da oligarquia venezuelana e do império norte-americano, recuperamos nossa indústria petrolífera, mas aquilo foi uma batalha, uma guerra do ponto de vista da economia, da sociedade, da comunicação, da tecnologia, da população e até militar, aqueles eram dias da Praça Altamira e dos chamados à rebelião militar, à intervenção militar dos Estados Unidos e para lhes dar, companheiros, um exemplo de como agora o governo revolucionário e a revolução se tem fortalecido graças ao ataque da contra-revolução e à contra-ofensiva revolucionária, lhes dou este dado: no ano passado, 2004, do próprio orçamento de petróleo da Venezuela, não do orçamento nacional, do orçamento da Pdvs, direcionamos quase quatro bilhões de dólares a investimentos sociais, a educação, saúde, micro-crédito e habitação. Todos esses investimentos foram voltados principalmente aos mais pobres, como diria Vítor Hugo, aos miseráveis. Este é só um exemplo. Estabelecemos, mas é claro que os neoliberais dizem que se trata de jogar dinheiro fora, dizem que Chávez está desperdiçando dinheiro, mas eles o davam aos gringos, o repartiam entre seus negócios rentáveis. Implantamos um sistema extraordinário, por exemplo, de bolsas de estudo, bolsas de estudo sim, porque convocamos a todos na Venezuela, quase todos estão estudando, a avó, o avô, o filho, o neto.

Alfabetização, os que não terminaram o primário, o estão terminando, os que não terminaram o ensino secundário o estão fazendo agora e aí há homens e mulheres de 20, 40 e 50 anos, alguns até de 80, 90, todos estudando com um televisor e vídeos, segundo esse método cubano; aliás, todos os vídeos são editados em Cuba, graças ao apoio da Revolução Cubana e graças à participação do povo venezuelano. Mas o que está acontecendo? Percebemos que a grande maioria daqueles que resolveram continuar seus estudos primários e secundários depois dos 30 anos de idade, depois dos 20 anos, ou a ingressar no ensino superior depois de 5 ou 10 anos... Numa ocasião encontrei um companheiro de escola, nos formamos juntos depois de cinco anos, eu segui para a Academia Militar e ele não pôde continuar estudando. Casou-se, já tem netos e o encontro em uma aula, estudando. Inicialmente não o reconheci, mas me disse ele: "Hugo, não te lembras de mim? De lá, de meu povoado no interior." Lembrei-me então de quem era e ai me disse: "Eu nunca pude ir à universidade, mas depois de 30 anos, Hugo, estou aqui, quero estudar matemática - depois de 30 anos."

Uma mulher, já avó, que se formou, aprendeu a ler e escrever e agora, porque não satisfeita, vai agora para o primário e depois seguirá para o secundário. No discurso que fez diante de muita gente em Caracas, quando recebeu seu diploma, disse: “Eu não pude ajudar meus filhos a estudar, porque não sabia nem ler, nem escrever, mas agora ajudo meus netos, os ajudo a fazer o dever de casa.” Agora ela é avó. E por que isso acontece? Porque 99% dessas pessoas é pobre ou muito pobre. Muitos deles vivem na miséria e por isso idealizamos um sistema de bolsas de estudo, oferecendo meio milhão de bolsas, cada bolsa de 100 dólares mensais, o que representa 50 milhões de dólares por mês, quase 600 milhões de dólares por ano, somente em bolsas de estudo. Ah! Os neoliberais dizem que isso é desperdiçar dinheiro. Não! Isso não é desperdiçar dinheiro, esse dinheiro, antes era roubado, e agora está sendo redistribuído, dando poder aos pobres para que derrotem a miséria.

Esse é só um exemplo de tudo que vem acontecendo como parte da contra-ofensiva revolucionária de janeiro de 2003. Impulsionados pela agressão imperialista, surgiram as missões e hoje temos em andamento a Missão “Barrio Adentro”, uma espécie de cruzada nacional de todos contra o problema: civis, militares, velhos, jovens, comunidades, o Governo Nacional, os governos locais, as organizações comunitárias de base.

A Missão “Barrio Adentro” (Dentro do Bairro) é a missão médica apoiada por Cuba e sua revolução. Hoje, na Venezuela, há quase 20 mil médicos e dentistas cubanos vivendo com os mais pobres e enfermeiras e enfermeiros venezuelanos e comitês de saúde nos bairros. Agora a maior parte do orçamento da Missão “Barrio Adentro”, para pagar o custo dos medicamentos, porque nada é cobrado das pessoas, para apoiar os médicos, os sistemas de transporte, de comunicação, a construção de ambulatórios, de consultórios, os equipamentos, a equipe, tudo isso, a maior parte desse orçamento vem da renda do comércio de petróleo que antes ficava no exterior. Havia círculos perversos e eram as transnacionais e a oligarquia venezuelana os que aproveitavam das riquezas do petróleo, riquezas que nunca chegavam ao povo venezuelano.

Essa Missão “Barrio Adentro”, expandida agora para todo o país, escutem estes números: em 2004 a Missão “Barrio Adentro”, a missão médica, atendeu mais de 50 milhões de casos, com consulta gratuita e medicamento gratuito incluído. Para ter uma melhor idéia do que isso representa, tenham em mente que a Venezuela não é como o Brasil, somos apenas 26 milhões de habitantes, o que vale dizer que a Missão “Barrio Adentro” em um ano, atendeu um número de casos equivalente a duas vezes a população venezuelana e esse número é superior a todas as consultas médicas e odontológicas realizadas na Venezuela em todos os hospitais e ambulatórios nos últimos cinco anos. A matemática é fundamental para entender o mundo, creio que foi Pitágoras que disse que Deus fala através da matemática. A Missão Sucre, e aí está o Ministro de Educação Superior, Samuel Moncada, à frente da missão de educação superior; aí está o Ministro Francisco Armada à frente da missão da saúde; aí está a Ministra da Ciência e Tecnologia, Yadira Córdoba, à frente da Missão Semente, Plano Nacional Semente; aí estão meus companheiros, aí está o chanceler venezuelano, Ali Rodríguez, que era presidente da Petróleos da Venezuela, foi presidente da OPEP e

agora é nosso Chanceler; aí está o Ministro da Agricultura e da Terra, Antonio Albarrán, são meus companheiros de trabalho, todos muito empenhados. Agora, aí estão os jovens da Universidade Bolivariana da Venezuela. Como estão, jovens, como está o senhor general, os professores da Universidade?

Vejam vocês, este é um exemplo da revolução na Venezuela, esses jovens. E a Universidade Bolivariana, uma universidade que tem apenas um ano, aí estão, saudações aos jovens. Obrigado, sigam em frente, sigam sempre em frente que o futuro é seu.

Agora escutem estes números, jovens e companheiros, companheiras, no ano de 2004, a revolução, entre muitas outras coisas, é uma aceleração de processos, aceleração e aprofundamento sobretudo rumo a uma sociedade de iguais, onde não haja excluídos. A maior parte destes jovens que há anos esperavam a quota universitária, não podiam entrar nas universidades porque estas foram privatizadas, esse foi o plano dos imperialistas neoliberais. A saúde havia sido privatizada, e isso não se pode privatizar, é um direito humano fundamental, a saúde, a educação, a água, a energia elétrica, os serviços públicos, isso tudo não se entrega à voracidade do capital privado.

Negar os direitos aos povos é o caminho para a selvageria, o capitalismo é a selvageria. Eu a cada dia me conveço mais, capitalismo e socialismo...

...não tenho a menor dúvida. É necessário, dizemos nós e dizem muitos intelectuais no mundo, transcender o capitalismo, mas já acrescento que não transcenderemos o capitalismo pelo próprio capitalismo, não. O capitalismo deve ser transcendido pela via do socialismo, por essa via é que se deve transcender o modelo capitalista, o verdadeiro socialismo. A igualdade, a justiça! Perdoem-me que os interrompa, mas a hora, não? E além disso, também estou convencido, como dizia Ignacio Ramonet, que é possível, é possível transcender o capitalismo pela via do socialismo e mais à frente, na democracia. Na democracia!

Mas olho aberto e ouvido atento: em que tipo de democracia? Não a democracia que o Sr. *Superman* nos quer impor lá de Washington, não, isso não é democracia.

Com certeza. Faz pouco tempo Miss Condoleeza, Condolência digo eu melhor, Condolência Rice disse, notem de onde vem o imperialismo agora, por onde vem o imperialismo, como sabem que na Venezuela não têm força e que mesmo nos invadindo os faríamos comer o pó da derrota lá, na costa do Caribe e nas águas do Orinoco, nos cerrados heróicos da Venezuela por onde cavalgaram os centauros de Bolívar, de Abreu de Lima, libertadores destas terras, povo heróico o da Venezuela, igual ao do Brasil e de todos os povos da nossa América. Quando estes povos se decidem pela liberdade, não há força capaz de detê-los, não há força capaz de detê-los.

Eu admiro muito o "Che" e lhe canto, leio e lembro, mas a tese de "Che" era inviável naquele momento, ficou provado, o foco guerrilheiro, 100 homens numa montanha, isso poderia ter sido válido como foi em Cuba, mas as condições eram muito diferentes e por isso morreu "Che" na Bolívia, morreu como um Quixote e ele mesmo disse: "Sinto em minhas pernas a respiração de Rocinante." Despedindo-se de seus pais, despedindo-se de seus filhos, por aí está, com certeza, Aleida. Onde andarás a

Aleida? Uma das filhas de "Che", Aleida Guevara, anda por aí, esta manhã a vi por aí, cheia de terra, seguindo os passos de seu pai. Viva "Che" Guevara!

Mas a história, ou melhor, a realidade mostrou que aquela tese de un Vietnã, dois Vietnãs, três Vietnãs na América Latina, pois também não podia dar certo na Venezuela. Alí Rodriguez foi chefe guerrilheiro e eu andei atrás dele uma vez. Mas era muito rápido, não conseguia alcançá-lo. Ao final consegui e nos pusemos a conspirar, Ana Manuela, e aqui estamos nós, ele Chanceler e eu Presidente, mas ele é Ali e eu sou Hugo, faz 30 anos andamos por esses caminhos.

Muito bem, hoje a situação é outra, já não se trata de um foco guerrilheiro que pode ser cercado pelos *rangers* ou pelos *marines* em uma montanha, como cercaram "Che" e massacraram seus homens um a um. Naquela época, claro que era uma esquadra, 50 homens contra 500, com armas muito velhas, mas agora é diferente. Agora somos milhões, como vão nos cercar, e por onde?

Que tomem cuidado ou eles é que serão cercados!

Que tomem cuidado ou acontecerá como naquela estória, estarão cercados e terão de render-se. Somos tantos que poderíamos cercá-los, mas não agora, aos poucos, mas não agora. Não, nem todos os impérios podem ser cercados, são impérios e se vão apodrecendo por dentro.

Todos os impérios se vão apodrecendo por dentro, até o dia em que caem em pedaços, como o império romano e como todos os impérios da Europa do passado, e algum dia a podridão que corrói por dentro o imperialismo norte-americano acabará de pô-lo abaixo, e o grande povo de Martin Luther King estará livre.

O grande povo norte-americano, que é um povo irmão, envio minhas saudações e nossas saudações ao povo dos Estados Unidos da América do Norte, ao povo do Canadá, aos povos da Europa e a todos os povos do mundo.

Muito bem, para isso estou aqui, para dizer estas coisas, com a força que emana de vocês, com a paixão que recebo de vocês já há muito tempo. Desses homens, velhos homens, e de vocês que são homens novos e mulheres novas, somos homens que andamos por aí, somos mulheres que andam por aí.

Agora, vejam, de verdade que não quero abusar, já abusei um pouco, mas não quero abusar demais da paciência de vocês, mas é que estas coisas aconteceram na Venezuela e nos permitiram fortalecer os aspectos sociais, econômicos, políticos, nacionais e internacionais. Hoje a Venezuela está mais fortalecida do que jamais esteve nos últimos 100 anos, tanto do ponto de vista interno quanto no plano internacional, é uma pátria fortalecida, é um povo fortalecido, é uma revolução fortalecida e em fortalecimento. Não estamos cantando vitória, não. Mas aqui está a realidade que indica o processo, mas temos que cultivá-lo todos os dias, é o que eu sempre digo para meus companheiros, a minhas companheiras, todos os dias. O "Che" dizia que não se pode lutar pela revolução com a eficácia, necessitamos de uma eficácia revolucionária, necessitamos ser mais eficazes, mais eficientes a cada dia, lutar contra os velhos vícios como a corrupção, a falta de valores, que são ameaças que sempre andam soltas por aí, ineficiência e corrupção, duas grandes ameaças, o "burocratismo" dizia também o "Che", a luta contra o "burocratismo" é

---

uma luta de todos os dias para todo revolucionário, para que a burocracia, ou melhor dizendo, o “burocratismo”, não nos imobilize.

Em 2004 tivemos nossa grande vitória, uma grande vitória política, fizemos um *referendum* revocatório. Diziam que eu estava fazendo todo o possível para evitá-lo, porque não queria dizer, como dizem os neoliberais, que tinha medo do povo. Mentira! Nunca fiz nada para evitá-lo, mas eles tinham que cumprir os requisitos constitucionais, tinham que recolher as assinaturas no espaço de tempo estabelecido, tinham que fazer o que determinam as instituições.

Não era a OEA nem o governo norte-americano que iriam apresentar as assinaturas, teriam que recolhê-las na rua, e além disso, com testemunhas. Ao final, conseguiram recolher as assinaturas, ainda que tenha havido muitas dúvidas, centenas de milhares de assinaturas falsas repetidas e milhares e milhares de pessoas falecidas há muito tempo, cujas assinaturas apareceram nas listas. No entanto, finalmente o Conselho Eleitoral disse que havia a quantidade de 20%, e eu fui o primeiro a dizer que deveríamos ir ao *referendum* e que iríamos derrotá-los e de verdade os derrotamos no dia 15 de agosto, com 60% dos votos, muito mais votos do que há cinco anos.

E logo depois tivemos as eleições regionais de 31 de outubro. Dos 24 governos locais, ganhamos 22 e os dois que não ganhamos, perdemos por pouco: 22 governos locais, mais de 80% das prefeituras, mais de 80% dos deputados regionais é, sem dúvida, um avanço. No aspecto social, no modelo de inclusão social, um avanço no aspecto político, o fortalecimento institucional, esse é outro fator muito importante, o fortalecimento do Poder Judiciário.

Na Venezuela houve um golpe de estado, fui detido, levaram-me sequestrado a uma ilha e depois os juízes do Supremo Tribunal disseram que não havia golpe, que eu havia estado sob custódia por alguns militares cheios de boas intenções, que o que ocorreu foi um “vazio” de poder, a tese de Washington. Agora não, agora o Poder Judiciário, o Poder Cidadão, está fortalecido. A ssembléia Nacional não podia nem legislar, em função da sabotagem, em uma ocasião os deputados, os deputados revolucionários, tiveram que sessionar fora do edifício do legislativo, do Palácio Legislativo. Já em 2004, sobretudo no final do ano, terminaram aprovando leis fundamentais como a Lei de Responsabilidade Social para o Rádio e a Televisão, porque não pode haver esse abuso ilimitado.

Esse abuso ilimitado, o ataque dos meios privados de televisão.

Muitas outras leis, a Lei do Supremo Tribunal da Justiça, que agora nos permite sanear o Poder Judiciário, ainda corrompido, e essa é uma das dificuldades das revoluções na democracia, a lentidão de alguns desses processos. Insisto e sublinho: que ninguém se desespere. Simón Bolívar deixou muito claro e trago aqui sua voz para repetir suas palavras. Se queremos ter uma pátria, temos que ter paciência e mais paciência, constância e mais constância, trabalho e mais trabalho. Que ninguém se desespere! Sempre digo isso ao povo venezuelano.

Paciência, constância e muito trabalho, muita consciência, que as mudanças vão acontecendo, claro que não acontecem por si mesmas, é preciso iniciá-las. Enfim, 2003 e 2004, fortalecimento econômico, o crescimento da economia venezuelana no

ano passado foi de 20% e o desemprego foi menor, já havia passado de 20% e caiu para 11%; a inflação, produto da sabotagem econômica, tinha subido mais de 30% e já está de novo perto de 20%, ainda muito alta, mas vem diminuindo substancialmente. As reservas internacionais bateram recorde histórico, a produção de petróleo está totalmente recuperada, estamos produzindo mais de 3 milhões de barris por dia.

Pois bem, a economia crescendo, bem como a produção industrial e a agricultura. A Venezuela, pela primeira vez em muito tempo, pode dizer que não necessita importar arroz, por exemplo, somos agora auto-suficientes em arroz, milho e continuaremos recuperando a agricultura agora com a guerra contra o latifúndio e aí reconhecemos o exemplo dos trabalhadores do “Movimento dos Sem Terra”, que têm servido de exemplo para nós e de exemplo para todos os camponeses deste continente, da luta pela terra, pela justiça no campo e pela soberania alimentar.

A Venezuela ingressou no mercosul em 2004; nasceu a Comunidade Sul-americana das Nações, apesar de minha postura crítica ao perfil que foi dado inicialmente a essa instituição, mas apesar disso aí estamos, porque da mesma forma há cinco anos fui criticado por alguns por ter participado da Cúpula das Américas, lá no Canadá, sobretudo para falar da Alca e no final das contas fui o único Presidente a se opor ao projeto da Alca.

Desde 2000 temos trabalhado em nossa campanha anti-Alca, porque a Alca não é outra coisa que um projeto colonialista e nós ainda não podemos dizer que triunfamos, atentem a isto. Estamos longe do objetivo, da meta de criar um modelo de integração alternativo, ao qual denominamos Alternativa Bolivariana para a América Latina, a Alba, esse projeto está caminhando, ainda que quiséssemos que fosse mais rápido, mas há as realidades, momentos, tempo, mas mesmo assim, vejam vocês, amanheceu o dia primeiro de janeiro de 2005 e onde está a Alca?

*Where is the ALCA, mister? The ALCA ist dead*, a Alca não existe, o que existe por aí são “alquinhas”, o imperialismo norte-americano, apesar de tanta chantagem e tanta pressão, não teve força para impor aos povos deste continente o modelo neocolonial e imperialista da Alca.

Agora, aí não há dúvida, não quero superestimar as fraquezas do império, seria um grande erro subestimar o adversário, ainda mais este adversário, mas o que é conveniente reconhecer, objetivamente, são as fraquezas do adversário, porque se pensamos que o adversário é invencível, torna-se invencível. O imperialismo norte-americano não é invencível, temos o Vietnã para prová-lo, temos o povo iraquiano resistindo o ataque da invasão.

Temos também Cuba revolucionária, há 40 anos resistindo ao imperialismo norte-americano, e a própria Venezuela bolivariana resistindo há seis anos ao imperialismo norte-americano, o império não é invencível.

Isso é importante saber, e sabem por quê? Porque há gente de boa fé que pensa que o império é invencível e que não se pode atacar o imperialismo nem mesmo com uma pétala de rosa, que não se pode nem mesmo dizer coisa alguma porque podem se irritar, se zangar. Bem, uma vez, quando eu ia a Bagdá, estávamos em Teerã e de Teerã seguiríamos até Bagdá, isso foi por volta de 1990, Ali e então estando em Teerã este senhor que sai todos os dias, como se chama? O portavoza da imprensa, sai

dizendo em Washington que Chávez não deveria ir a Bagdá e que eles estavam muito irritados. Logo alguns jornalistas me perguntam: “O que o senhor acha de estarem eles tão irritados?” Ao que respondi: “Bom, se estão irritados vou mandá-lhes um carregamento gigante de *Coppertone*, não se chama assim aquilo que as mulheres usam, para que a pele não se irrite? Como se chama isso? Protetor, para não irritar a pele. E que me importa se estão irritados em Washington! Que importa! Dizia Simón Bolívar em 1811, em Caracas, quando alguns medrosos e novatos se negavam a declarar a independência do império espanhol, Simon Bolívar fez um discurso incendiário, aquele rapaz de 27 anos disse: “E que nos importa que a Espanha venda a Bonaparte seus escravos, se estamos dispostos a ser livres.” Ou, como disse o general San Martín, o grande Libertador do Sul: “Sejamos livres, nada mais importa.” Nada nos importa, somos livres e queremos ser definitivamente livres, custe o que custar, aconteça o que acontecer.

Assim, o Golias não é invencível, o imperialismo não é invencível. Ah! Isso os faz mais perigosos, é verdade, porque como o imperialismo começa a sentir suas debilidades, então começa a recorrer à força bruta, ao ataque contra a Venezuela utilizando a força bruta, o que é um sinal de fraqueza, fraqueza ideológica, que é uma das maiores fraquezas. Hoje, quase ninguém se atreve mais a defender o neoliberalismo, há apenas três anos éramos apenas Fidel e eu, sozinhos nessas reuniões de Presidentes, era como um coro neoliberal e nos sentíamos ali como que clandestinos, ou como diriam, conspirando. Hoje, quase ninguém se atreve a defender o modelo neoliberal, e essa é uma de suas fraquezas, o neoliberalismo está agora despido, suas fraquezas ideológicas são evidentes, e também suas fraquezas econômicas são evidentes e essas fraquezas, ao que tudo indica, se acentuarão cada vez mais. Basta ver a repressão interna nos Estados Unidos, a lei chamada Patriota, que é uma lei repressora contra os próprios cidadãos americanos. Eles falam de liberdade de expressão e a violam todos os dias, têm um grupo de jornalistas presos, acusados, porque não revelam suas fontes de informação, perseguem os jornalistas, proibem fotografar os cadáveres dos soldados americanos, muitos deles de origem latina, que regressam do Iraque. Ninguém pode fotografá-los, são enterrados em segredo, esses são sinais da fraqueza desse Golias.

Assim que, por outro lado, em nível internacional se levantam velhos e novos atores no mapa geopolítico mundial, que é necessário reconhecer e que também influenciam as forças e fraquezas da hegemonia imperialista norte-americana. Já não falo das fraquezas internas do imperialismo, do ponto de vista objetivo ou subjetivo, a Rússia, por exemplo, se levanta, já não é a Rússia de joelhos recebendo os mandos de Washington, existe um novo nacionalismo russo, que vi e senti nas ruas de Moscou. Até há alguns anos, ninguém se atrevia a falar de Carl Max em Moscou, quase ninguém se atrevia a falar de Vladimir Ilich Ulianov em Moscou ou em outras cidades russas ou nesta última viagem, até mesmo me convidaram a dar uma palestra no Instituto de Filosofia de Moscou e ali falamos de Carl Max, de Lênin, há uma corrente revisando as coisas e sobretudo além da ideologia, a Rússia se levantou, já não está mais de joelhos, o que dava tristeza e pena, há um bom presidente à frente da Rússia, Vladimir Putin, e da China nem se fala, a China

avança, cresce, se fortalece, estivemos em Pequim há poucos dias, na época do Natal. A China já é uma potência mundial, crescendo economicamente já há 20 anos, a um ritmo de 19% em média, um crescimento tecnológico, autonomia e soberania alimentar, a Europa unida e agora com um governo socialista na Espanha, já não é mais o governo de Aznar, de joelhos também aos mandos do imperialismo. Na Ásia, na África, há pouco visitei esse outro homem, que se chama Moammar Al Kaddaffi. Estivemos em Trípoli conversando um pouco com Ahmed Ben, esse líder argelino e africano desses povos árabes que lutam há muitos séculos por suas crenças, por seus deuses, por seus sonhos e Kaddaffi me dizia que vê com muito otimismo o processo da unidade africana, e o mesmo me diz o presidente da Argélia, o bom amigo Abdelaziz Buteflika. O Irã se fortalece, estive lá também em novembro com o presidente Mohamed Jatami e com o líder Jamenei. Os norte-americanos pretendiam que o Irã suspendesse seu projeto nuclear, mas o Irã resistiu e ao final impôs a tese dos iranianos, o imperialismo norte-americano não pôde com eles, não conseguiu o apoio das Nações Unidas, nem o apoio da Europa e assim estamos aqui, na América Latina. Aqui estamos, a América Latina de hoje não é a mesma de cinco anos atrás. Eu não posso, por respeito a vocês, fazer comentários sobre a situação interna de nenhum país, mas creiam no que lhes digo de coração, na Venezuela, sobretudo nos dois primeiros anos de meu governo, muitos de meus partidários me criticavam, me pediam que fôssemos mais rápido, me diziam que era necessário ser mais radicais. Eu pensava que não era o momento, e não era mesmo o momento, porque nos processos há etapas, há etapas nos processos, companheiros. Há etapas, ritmos que não têm que ver apenas com a situação interna de cada país, mas também com a situação internacional. E eu ainda, ainda que correndo o risco de ser criticado por vocês, quero dizer que aprecio Lula, Lula é um bom homem, de grande coração, é um irmão e um companheiro, lhe deixo aqui meu abraço, meu carinho, meu afeto de irmão, de companheiro. E tenho certeza de que com o Lula e com o povo do Brasil, com Néstor Kirchner e com o povo argentino, com Tabaré Vázquez e com o povo uruguaio, iremos abrindo caminho para o sonho de uma América Latina unida. Um abraço, os amo muito a todos, muitíssimo obrigado.

Nota de rodapé:

**FÓRUM SOCIAL MUNDIAL: O SUL, O NORTE DE NOSSOS POVOS  
DO GINÁSIO GIGANTINHO EM PORTO ALEGRE, BRASIL  
DOMINGO 30 DE JANEIRO DE 2005**